

PUIG DE LA BELLACASA, Maria Puig. 2017. *Matters of Care: Speculative Ethics in More Than Human Worlds*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Amanda Finotti Lagos Ferreira

Graduanda em Ciências Sociais/Universidade Federal de São Carlos

[amandaferreira@estudante.ufscar.br](mailto:amandaferreira@estudante.ufscar.br)

<https://orcid.org/0000-0001-5321-0528>

Em “*Matters of Care: Speculative Ethics in More Than Human Worlds*” (2017), Maria Puig de la Bellacasa propõe (re)pensar o cuidado enquanto categoria emaranhada no fazer e conhecer de mundos marcados pelas naturezasculturas (Haraway 2021) e pela tecnociência.

A autora, que possui formação em filosofia continental contemporânea e em filosofias construtivistas, trabalha com questões transdisciplinares entre o Science and Technology Studies (STS), o pensamento feminista e a ecologia. Em suas palavras, a obra aqui resenhada é uma tentativa de “conectar uma tradição materialista feminista de pensamento crítico sobre o cuidado com debates sobre ontologias mais-do-que-humanas e práticas ecológicas” (2022, s.p., tradução minha)<sup>1</sup>. Suas reflexões se situam, então, na interface de dois campos: (i) o feminismo materialista investido nas discussões sobre as relações entre o cuidado e questões de gênero - com especial influência das autoras da ética feminista do cuidado<sup>2</sup> e, (ii) o pensamento pós-humanista interessado nas relações entre humanos e não-humanos em mundos de naturezasculturas.

Além disso, a obra é fortemente atravessada por uma discussão sobre a ética especulativa. Muito influenciada pelo projeto teórico de feminismo e fabulação especulativas de Donna Haraway (2016), a autora se conecta a uma tradição feminista “na

---

1 Texto informado pela autora e disponível em: [https://warwick.ac.uk/fac/cross\\_fac/cim/people/maria-puig-de-la-bellacasa/](https://warwick.ac.uk/fac/cross_fac/cim/people/maria-puig-de-la-bellacasa/). Acesso: 18/05/2023.

2 Autoras importantes da ética feminista do cuidado são: Carol Gillian (1982), Joan Tronto (1990, 1993), Berenice Fisher (1990), Patricia Hill Collins (2000).

qual esse modelo de pensamento [especulativo] sobre o possível provoca a imaginação ética e política no presente.” (Puig de la Bellacasa 2017: 7, tradução minha). A aposta em uma ética especulativa do cuidado se mostra capaz de enlaçar, então, “o que pode ser” - os mundos possíveis a serem construídos - àquilo “aterrado no mundano possível, no fazer conectado com o cotidiano negligenciado.” (ibidem, p. 111).

A divisão da obra se dá em uma introdução e outras duas partes - “Knowledge Politics” e “Speculative Ethics in Antiecollogical Times” - a primeira, com três capítulos, e, a segunda, com dois. Nas páginas introdutórias e nos três primeiros artigos, somos apresentados às discussões teóricas e conceituais as quais a autora parte, em especial, da filosofia da ciência e das políticas do conhecimento (*knowledge politics*). Puig de la Bellacasa revisita o estado da arte das discussões sobre ética e cuidado, com especial atenção às teóricas da ética feminista do cuidado, que, a partir dos anos 1980, deram destaque ao conceito a partir de sua “necessidade absoluta – e, portanto, ao valor – do trabalho do cuidado relacional para a sobrevivência e para a política” (Martin, Myers & Viseu 2015: 628, tradução minha).

É de se reconhecer a influência que tais autoras tiveram sobre o pensamento de Puig de la Bellacasa, que, mesmo não se propondo a dar uma definição circunscrita de cuidado - e defendendo, em consonância com Annemarie Mol (2008, 2010), outra importante autora do STS, sua característica de situacionalidade - parte da clássica definição do termo formulada por Joan Tronto e Berenice Fisher (1990), para expandir o que compreendemos como “nosso mundo” e descentralizar a agência humana:

[...] (o cuidado é) uma atividade da própria espécie que inclui tudo o que podemos fazer para manter, continuar e reparar nosso ‘mundo’ para que possamos viver nele da melhor maneira possível. Esse mundo inclui nossos corpos, nós mesmos e nosso meio ambiente, e tudo em que procuramos intervir de forma complexa e autossustentável. (Fisher & Tronto 1990: 40).

No primeiro capítulo, “Assembling Neglected Things”, a autora chama atenção para como as formas de conhecer e representar coisas possuem efeitos - práticos, afetivos e políticos - na produção de mundos. Questionando como a ciência escolhe o que é digno de interesse e atenção (e o que não o é), e quais implicações isso provoca, a autora propõe um estreito diálogo com Bruno Latour (2020) e seu conceito de “questões de interesse”, bem como com a discussão de Donna Haraway (2009) em torno da crítica feminista às formas de conhecer da ciência e sua noção de “saberes localizados”.

Para Puig de la Bellacasa, enquanto a proposta de Latour “sugere preocupação e consideração” pelas coisas negligenciadas pelo fazer científico, pensar a partir das

questões de cuidado “adiciona um senso de vínculo e compromisso” com aquelas (Flower, Hamington 2022: 16, tradução minha), bem como indica maneiras de “reafetar um mundo objetificado” (Puig de la Bellacasa 2017: 64, tradução minha) e permite “reencenar as coisas de maneiras que geram possibilidade para outras formas de se relacionar e viver” (ibidem: 65, tradução minha). Ou seja, mais do que “preocupar-se com”, o cuidado se mostra capaz de enlaçar três dimensões: a do fazer, a de um estado afetivo e a da obrigação ético-política de manutenção das teias de vida constituídas por humanos e outros-que-humanos negligenciados nas nossas formas de representar os mundos que vivemos.

Já, no segundo capítulo, “Thinking with Care”, o diálogo com Donna Haraway se torna mais evidente. A partir da noção de “saberes localizados” (Haraway 2009), e em interlocução com as obras “O Manifesto Ciborgue” (1985) e “O Manifesto das Espécies Companheiras” (2003), assim como com a teoria feminista do ponto de vista, de Sandra Harding (1991), Puig de la Bellacasa elabora sua proposta de um “pensar com cuidado” (“thinking with care”) em três movimentos: “thinking-with”, “dissenting-within” e “speaking-for”. Reforçando a defesa de Haraway (2021) de que “não existem sujeitos e objetos pré-constituídos” (Haraway 2003: 6, tradução minha), o primeiro movimento é um convite ao reconhecimento de que todo pensar é um “pensar-com”, assim como aos compromissos que advém de estar em relação com um coletivo heterogêneo de produtores de conhecimento (Puig de la Bellacasa: 75, tradução minha). Já, os movimentos “dissenting-within” e “thinking-for” atentam a uma concepção não-inocente de cuidado que nos insta a reconhecer implicadas nos dissensos, contradições e impurezas das relações que nos fazem. A autora, assim, nos convida à “ficar com o problema” (Haraway 2016) dos inescapáveis perigos envolvidos nas nossas tentativas de pensar-com e falar-por entes não-humanos e “marginalizados”.

O capítulo seguinte, “Touching Visions”, explora as implicações para o “pensar com o cuidado” produzidas pelas tecnologias hápticas. O toque se constrói como uma questão de cuidado uma vez que, em contraste com a representação ótica - dominante na produção de conhecimento -, ele é necessariamente mútuo: o que toca é também tocado, borrando prévias suposições de uma clara separação entre “sujeito” e “objeto”. O abandono da concepção de um “mestre-agente” que se apropria de mundos inanimados carrega em si uma “ressonância ética”: “o que fazemos *em e para* um mundo pode voltar, reafetar alguém de alguma forma.” (ibidem: 115, tradução minha, grifo meu). A autora busca atentar para, enfim, um mundo “constantemente feito e refeito através de encontros que acentuam tanto a atração e proximidade, como a consciência da alteridade”. (ibidem, tradução minha).

Já, na segunda parte da obra, somos conduzidas através das experiências da autora em um treinamento sobre tecnologias de permacultura em uma comunidade em Bodega Bay (EUA) levado a cabo pelo Earth Activist Training (EAT), cuja uma das professoras era Starhawk, conhecida ativista do eco-feminismo e escritora neopagã.<sup>3</sup> Os textos desta seção são construídos a partir dos dados etnográficos da autora, os quais se articulam com um conjunto de conhecimentos de outras fontes, principalmente da ciência do solo. Aqui, então, encontramos um cuidado “aterrado” (*grounded*), situado nos saberes, éticas e práticas que cuidam, reparam e mantêm uma rede viva, interdependente, e interespecífica formada por terra, humanos, microorganismos, minhocas, equipamentos e nutrientes.

No capítulo “Alterbiopolitics”, Puig de la Bellacasa destaca que, para o fazer da permacultura, não se opõem “práticas” de “princípios” - já que esses estão embebidos nas “relacionalidades mundanas concretas” (ibidem: 127, tradução minha) - nem “tecnociência” de “natureza” ou “afetividade”. Os praticantes estão, na verdade, interessados em “buscar por tecnologias alternativas que trabalham com mecanismos naturais e não contra eles” (ibidem: 128, tradução minha), tais como compostagem doméstica, metodologias para avaliação da saúde do solo, análise de micro-organismos, criação de minhocas, bem como técnicas de observação, toque e degustação do solo que produzem proximidade e senso de interdependência.

O cuidado, portanto, como observa Puig de la Bellacasa, ganha sentido somente coletivamente: não enquanto uma relação entre “sujeito” cuidador e “objeto” cuidado (ou, ainda, o solo enquanto “recurso” escasso a ser “preservado” para fins humanos), e sim como uma “rede de relações descentralizadas e multilaterais (Stephenson & Papadopoulos apud Puig de la Bellacasa 2017: 165, tradução minha), nas quais, assimetricamente, circulam energia e nutrientes essenciais à manutenção de cada elemento individual da própria rede.

A autora reconhece, também, que na ética da permacultura - “embebida na interdependência de todas as formas de vida” - produz-se uma descentralização do humano ao “não considerar os humanos como mestres ou mesmo protetores, e sim como

3 Starhawk (1951-) é uma pensadora com longa história de ativismo nos movimentos ambientalista, anarquista e anti-globalização. A articulação inseparável entre a espiritualidade feiticeira de tradição wicca cultuada pela autora e suas práticas de militância feminista e ecológica a coloca em estreita interlocução com outras autoras, dentre elas, Isabelle Stengers e Donna Haraway, ambas importantes referências de Puig de la Bellacasa. Sztutman (2018), reconhecendo a relevância de Starhawk para o debate antropológico contemporâneo, destaca que a “proposta feiticeira” da autora aparece de forma relevante em “La sorcellerie capitaliste”, de Pignarre e Stengers, enquanto uma prática de contra-feitiço que, junto a outras formas de ativismo, é capaz de “desenfeitiçar [o sistema capitalista], criar novos possíveis por meio de novas formas de ação.” (2018: 350). Algumas obras de Starhawk são: “The Spiral Dance: A Rebirth of the Ancient Religion of the Goddess” (1979) e “Dreaming the Dark: Magic, Sex, and Politics” (1982).

participantes da teia de seres vivos da Terra.” (Puig de la Bellacasa *ibidem*, tradução minha). Uma “singular combinação de uma ética pessoal/coletiva” (tradução minha) que, subvertendo a ética do sujeito autônomo, pressupõe que nenhum indivíduo - ou espécie - existe por si só e a priori de todos/as os/as outros/as. Tal ética parece compreender, então, que não está em questão se aceitamos ou não nos abrir à contaminação, à co-constituição, à necessária dependência de nossas espécies companheiras (Haraway 2021), uma vez que “já estamos misturados uns com os outros antes mesmo de iniciarmos qualquer nova colaboração” (Tsing 2015: 29, tradução minha). O que está em jogo é se nós, pessoas humanas, engajamos em um “estado de reconhecimento de nossa vulnerabilidade perante os outros” (Tsing 2015: 29, tradução minha) - e na indeterminação própria deste, e somos capazes de nos dispor a uma relação de responsabilidade, a partir de uma reconfiguração da ética, por todos os seres outros-que-humanos.

Isto posto, Puig de la Bellacasa defende que o movimento da permacultura seria, então, muito fortuito em exemplificar o cuidado enquanto cerne de uma outra biopolítica, ou seja, um movimento que “afirma e se engaja com redes mundiais de vida insurgentes e possibilidades contra as lógicas coloniais, ecodidas e capitalocêntricas predominantes nas lógicas da globalização” (p. 165, tradução nossa).

Neste sentido, as relações de cuidado a partir da ética da permacultura, nos revelam, também, formas de vivenciar o tempo que resistem à temporalidade produtivista. No último capítulo, “Soil Times”, a autora discute as múltiplas temporalidades dos seres que compõem a comunidade do solo, e sua incompatibilidade com processos em favor da aceleração e aumento da produção. Cuidar da manutenção dos muitos ciclos de vida em jogo no solo implica que o humano seja deslocado da posição de consumidor ou produtor e esteja *em relação* com todos os outros entes em um mundo vivo significativo. Portanto, podemos pensar o cuidado da permacultura e outras tecnopolíticas, tais quais “redes de investigação e desenvolvimento de software livre, [projetos] de agricultura comunitária, de arquitetura coletiva e autogestionada, de luta pela democracia territorial” como projetos coletivos que evidenciam um novo paradigma ontológico do comum (Van Grieken 2022: 69), buscando responder ao contexto de crise planetária.

Para Flower e Hamington (2022), Maria Puig de la Bellacasa se destaca como uma das autoras pioneiras em aplicar a teoria feminista do cuidado às discussões sobre naturezasculturas, “reunindo pensamento humanista e pós-humanista” (*ibidem*: 15, tradução minha). É evidente a influência das epistemologias feministas no projeto teórico da autora, haja visto a centralidade que ganham os temas da “corporificação (*embodiment*), relacionalidade (*relationality*) e compromisso (*engagement*)” (Puig de la

Bellacasa 2017: 96) na produção de uma ética especulativa, assim como na resistência à concepções idealizadas e inocentes do cuidado. Já, do pensamento pós-humanista, a autora é fortemente influenciada por pressupostos que marcaram o campo do STS em geral: o princípio de simetria da Teoria Ator-Rede (TAR), cunhada por Bruno Latour (1994) - a escolha por uma análise social baseada no tratamento equânime e simétrico entre humanos e não-humanos - e o reconhecimento da agência não-humana enquanto produtora de realidades.

Navegando por tal transdisciplinaridade e incorporando o projeto especulativo em sua obra, Puig de la Bellacasa nos deixa com importantes questionamentos para pensar-fazer vidas possíveis enquanto habitamos um “estado global de precariedade” (Tsing 2015): “que mundos estão sendo mantidos e às custas de quais outros?” (Puig de la Bellacasa 2017: 44, tradução minha) e “para quais mundos o cuidado está sendo feito?” (ibidem: 65, tradução minha).

## Referências

- COLLINS, P. H. 2000. *Black Feminist Thought. Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. 2ª Edição. New York and London: Routledge.
- FISHER, Berenice & TRONTO, Joan. 1990. "Toward a Feminist Theory of Caring". In: ABEL, E.; NELSON, M. *Circles of Care*, Albany, NY: SUNY Press. pp. 36-54.
- FLOWER, Michael & HAMINGTON, Maurice. 2022. "Care Ethics, Bruno Latour, and the Anthropocene". *Philosophies*, 7(31). doi:10.3390/philosophies7020031.
- GILLIGAN, Carol. 1982. *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- HARAWAY, Donna. 2003. *The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness*. Prickly Paradigm Press. The University of Chicago Press.
- HARAWAY, Donna. 2009. "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial". *Cadernos Pagu*, 5: 7-41.
- HARAWAY, Donna. 2016. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Duke University Press.
- HARAWAY, Donna. 2021. *O manifesto das espécies companheiras: Cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 1ª edição.
- HARDING, Sandra. 1991. *Whose Science? Whose Knowledge? Thinking from Women's Lives*. Ithaca: Cornell University Press.
- LATOUR, Bruno. 1994. *Jamais fomos modernos: Ensaio de antropologia simétrica*; tradução de Carlos Irineu da Costa. - Rio de Janeiro: Ed. 34 (Coleção TRANS).



- LATOUR, Bruno. 2020. "Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse". Rio de Janeiro: *O que nos faz pensar*, 29(46): 173-204.
- MARTIN, A., MYERS, N.; VISEU, A. 2015. "The politics of care in technoscience". *Social Studies of Science*, 45(5): 625-641.
- MOL, Annemarie. 2008. *The Logic of Care: Health and the Problem of Patient Choice*. Abingdon: Routledge.
- MOL, Annemarie; MOSER, Ingunn & POLS, Jeannette (eds.) 2010. *Care in Practice: On Tinkering in Clinics, Homes and Farms*. Transcript Verlag, ProQuest Ebook Central.
- PUIG DE LA BELLACASA, Maria. 2017. *Matters of Care: Speculative Ethics in More than Human Worlds*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- SZTUTMAN, Renato. 2018. "Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers". *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, 69: 338-360.
- TRONTO, Joan. 1993. *Moral Boundaries: A Political Argument for an Ethic of Care*. New York: Routledge.
- TSING, Anna Lowenhaupt. 2015. *The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins*. Princeton University Press.
- VAN GRIEKEN, Fernanda. 2022. "Cosmotécnica como Cosmopolítica: da consciência crítica ao envolvimento coletivo". *Revista PimentaLab (UNIFESP)*, 2 - Tecnopolíticas.

Recebido em 11 de novembro de 2022.

Aceito em 09 de junho de 2023.